

**A (RE)PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO URBANO REVELADA
PELAS PAISAGENS DA ÁREA DO BANDEIRINHAS, BETIM (MG)**

THE CAPITALIST (RE)PRODUCTION OF URBAN SPACE REVEALED BY THE LANDSCAPES
OF THE BANDEIRINHAS AREA, BETIM (MG)

Gustavo Augusto Andrade de Oliveira

Doutorando em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (PUC Minas)
gustavo_andradeoliveira@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0002-2065-2933>

Márlivy da Silva Santos

Mestranda em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (PUC Minas)
marlivysantos@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-3798-0264>

Resumo

Este artigo aborda a (re)produção capitalista do espaço urbano na área do Bandeirinhas, em Betim (MG), caracterizada por um cenário industrial pujante e uma nítida desigualdade social. Considerando que a paisagem é uma categoria de análise reveladora das aparências e dos fenômenos, questionou-se como as paisagens da área do Bandeirinhas revelam a (re)produção capitalista do espaço urbano. Definiu-se como objetivo analisar as paisagens de três transectos, cada um correspondendo a uma avenida da área do Bandeirinhas: Av. Guandu, Av. Fausto Ribeiro da Silva e Av. Aeródromo de Inhotim. Para isso, empregaram-se o método da paisagem sistêmica e o método histórico-dialético na leitura e análise das paisagens. Os resultados mostraram as ações dos agentes sociais sobre o espaço urbano e a segregação socioespacial como um dos fenômenos mais perceptíveis na área do Bandeirinhas. Por fim, avaliou-se a dinâmica da (re)produção capitalista do espaço urbano na área do Bandeirinhas, considerando as implicações da instalação do Aeródromo de Inhotim nas futuras relações socioespaciais do município de Betim e a perversidade do progresso.

Palavras-chave: Paisagem; Espaço urbano; Agentes sociais; Área do Bandeirinhas.

Abstract

This article addresses the capitalist (re)production of urban space in the Bandeirinhas area of Betim (MG), characterized by a booming industrial scenario and marked social inequality. Considering that the landscape is a revealing category of analysis for appearances and phenomena, the study questioned how the landscapes of the Bandeirinhas area reveal the capitalist (re)production of urban space. The objective was to analyze the landscapes of three transects, each corresponding to an avenue in the Bandeirinhas area: Av. Guandu, Av. Fausto Ribeiro da Silva, and Av. Aeródromo de Inhotim. To this end, the study employed the systemic landscape method and the historical-dialectical method for reading and analyzing the landscapes. The results showed the actions of social agents over urban space and socio-spatial segregation as one of the most perceptible phenomena in the Bandeirinhas area. Finally, the dynamics of the capitalist (re)production of urban space in the Bandeirinhas area were evaluated, considering the implications of the installation of the Aeródromo de Inhotim on future socio-spatial relations in the municipality of Betim and the perversity of progress.

Keywords: Landscape; Urban space; Social agents; Bandeirinhas area.

1. Introdução

A organização espacial da cidade capitalista, ou simplesmente o espaço urbano, revela-se como um espaço fragmentado e articulado pelos diferentes usos e apropriações do solo, que estão sobrepostos e interpostos entre si (CORRÊA, 2005a). Dado que o espaço urbano compreende uma concentração de pessoas e de atividades, o solo urbano passa a ser regulado, ou melhor, disputado, sob as regras do jogo capitalista, fundamentadas na propriedade privada do solo (SINGER, 1979). Assim, a (re)produção capitalista do espaço urbano, que nos coloca diante de transformações desiguais e profundas, pode ser apreendida por sua morfologia heterogênea, em outras palavras, pelas paisagens (CARLOS, 2017b).

No município de Betim, em Minas Gerais (MG), a área do Bandeirinhas apresenta um cenário intrigante que abrange diferentes usos e apropriações do solo, evidenciando a disputa entre os agentes sociais que (re)produzem o espaço urbano. Com isso em mente, a paisagem foi definida como um recurso analítico nesta pesquisa intra-urbana, levando-nos a questionar: como as paisagens da área do Bandeirinhas, Betim (MG), revelam a (re)produção capitalista do espaço urbano? O objetivo da pesquisa consistiu em analisar a (re)produção capitalista do espaço urbano na área do Bandeirinhas, em Betim (MG), a partir das paisagens em três transectos, cada um correspondente a uma avenida: Av. Guandu, Av. Fausto Ribeiro da Silva e Av. Aeródromo de Inhotim.

Para esta análise, compreendemos por paisagem¹ “[...] um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 2014, p. 75).

Para a realização da leitura e da análise da paisagem, adotou-se o método da paisagem sistêmica e o método histórico-dialético, ambos detalhados na seção de *Material e métodos*. Na seção teórica, *A (re)produção capitalista do espaço urbano*, foram articuladas principalmente as contribuições de Carlos (2005), Corrêa (2005a) e Singer (1979) para abordar a (re)produção capitalista do espaço urbano e a constituição da paisagem nesse processo. Posteriormente, na seção *Do processo de industrialização à área do Bandeirinhas*, contextualizou-se a área do Bandeirinhas no município de Betim (MG) para realizar a leitura e a análise das paisagens dos três transectos na seção *Resultados e discussão*. Por fim, nas *Considerações finais*, sintetizou-se a discussão da pesquisa, apontando para a necessidade de monitoramento acadêmico em outras escalas para a compreensão das repercussões socioespaciais, tanto dentro quanto fora da área do Bandeirinhas.

2. A (re)produção capitalista do espaço urbano

O espaço geográfico pode ser compreendido como “[...] produto, condição e meio de realização da sociedade, reproduzido ao longo de um processo histórico ininterrupto de constituição da humanidade do homem” (CARLOS, 2017a, p. 9). Essa é uma perspectiva adotada na renovação do pensamento geográfico denominada geografia crítica², que privilegia a dialética do espaço geográfico ao defini-lo como produto e produtor das relações sociais de produção, isto é, a reprodução da sociedade (CORRÊA, 2007). Daí, apreende-se uma realidade relacional na concepção do espaço geográfico, considerando-o um conjunto indissociável de coisas e de relações estabelecidas entre elas no passado e no presente (SANTOS, 2014).

O espaço está sempre sendo feito, porque ele é um conjunto de relações sociais – sempre dinâmicas – que se estabelecem numa materialidade (ou natureza primeira). Isto quer dizer que o espaço não é uma coisa, mas um conjunto de relações entre coisas (URIARTE, 2014, p. 116).

¹ Esta definição viabiliza nossa compreensão estrutural e funcional da morfologia urbana e nossa interpretação da (re)produção capitalista do espaço urbano pelos agentes sociais.

² A geografia crítica tem suas raízes no grupo mais progressista da geografia regional francesa, constituindo-se por autores que se posicionam por uma transformação da realidade social e veem a análise geográfica como um instrumento de libertação do ser humano (MORAES, 2007). No Brasil, a Universidade de São Paulo (USP) e a geografia brasileira, propriamente dita, foram inicialmente marcadas pela perspectiva crítica francesa (com autores como Henri Lefebvre e Yves Lacoste), mas, aos poucos, a perspectiva de uma geografia radical anglo-saxã (com autores como David Harvey e Edward W. Soja) conquistaria a geografia brasileira.

A compreensão da categoria de análise, espaço geográfico, pode ser desenvolvida ainda mais quando especificamos sua natureza; por exemplo, pensemos no espaço urbano, cujo substrato espacial material, ou materialidade, é a cidade³ (SOUZA, 2013). Essencialmente, o espaço urbano comporta uma realidade fragmentada e articulada que é, simultaneamente, reflexo e condição da sociedade, expressando um conjunto de símbolos e de lutas (CORRÊA, 2005a). Dito isso, a (re)produção capitalista do espaço urbano pode ser analisada a partir da fragmentação atribuída pelas ações dos agentes sociais que o (re)produzem: proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, Estado e grupos sociais excluídos (CORRÊA, 2005a).

Quadro 1. Agentes sociais do espaço urbano

AGENTES SOCIAIS	AÇÕES
Proprietários dos meios de produção	São grandes consumidores do espaço urbano para realizar suas atividades, sobretudo industriais e comerciais. Terrenos amplos e baratos que dispõem de amenidades localizacionais são altamente desejáveis.
Proprietários fundiários	Interessados na conversão da terra rural em terra urbana, eles buscam captar a maior renda fundiária das propriedades, especialmente aquelas de uso comercial ou residencial de <i>status</i> .
Promotores imobiliários	Realizam, parcial ou totalmente, as seguintes operações: incorporação, financiamento, estudo técnico, construção do imóvel e comercialização. Intervêm no espaço urbano de modo desigual, criando e reforçando a segregação residencial.
Estado	Atua diretamente na organização espacial da cidade como grande industrial, consumidor de espaço e de localizações específicas, proprietário fundiário e promotor imobiliário. Além disso, elabora leis e normas associadas à regulação do uso do solo, ao zoneamento e ao código de obras.
Grupos sociais excluídos	Produzem seu próprio espaço independentemente dos outros agentes, por exemplo: as favelas, que são compreendidas como uma forma de resistência e uma estratégia de sobrevivência.

Fonte: elaborado pelos autores (2023) com base em Corrêa (2005a).

³ Aqui, a cidade aparece “[...] como categoria central da análise revelando a materialização do processo histórico de produção do espaço geográfico” (CARLOS, 2017a, p. 9).

Uma vez apresentados os agentes sociais no Quadro 1, devemos considerar a moradia e o solo urbano como bens privados e mercadorias na (re)produção capitalista do espaço urbano. Tais bens são necessários para nossa existência na cidade, mas, por serem rentáveis, podem ser vendidos e comprados. “A propriedade privada do solo urbano faz com que a posse de uma renda monetária seja requisito indispensável à ocupação do espaço urbano” (SINGER, 1979, p. 33). Nesse sentido, o uso e a ocupação do solo são mediados pelas regras do jogo capitalista fundamentadas na propriedade privada do solo, e o solo urbano passa a ser compreendido como uma mercadoria extremamente disputada pelos agentes sociais, os quais, por meio de suas ações, “[...] controlam, dirigem e dão significação ao crescimento e reestruturação do espaço urbano” (OLIVEIRA *et al.*, 2018, p. 112).

Apesar dos conflitos existentes entre os agentes sociais do espaço urbano, os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários e os promotores imobiliários compartilham um objetivo: a acumulação do capital. Estabelece-se, aqui, uma relação rentável entre os três agentes sociais que estão inseridos em um ciclo excludente da (re)produção capitalista do espaço urbano. Ou seja, as indústrias – proprietários dos meios de produção – consideram os terrenos mais baratos e acessíveis para se instalarem em um determinado local e, uma vez instaladas, a especulação dos terrenos passa a ser estimulada pelo promotor imobiliário que, conseqüentemente, promove os terrenos do proprietário fundiário (CORRÊA, 2005a).

O Estado, por sua vez, não demonstra neutralidade, sendo acionado para intervir nas questões que interessam aos três agentes sociais do espaço urbano mencionados; as ações estatais estão, via de regra, condicionadas pelos interesses das classes dominantes⁴. O promotor imobiliário, pressionando o Estado por amenidades locais, demanda a instalação de equipamentos e a oferta de serviços urbanos que valorizem seus terrenos e, em última instância, atendam às necessidades da população que ali reside, contribuindo para a especulação do solo e a intensificação da segregação socioespacial⁵ (CORRÊA, 2005a). Em outras palavras, “as transformações no preço do solo acarretadas pela ação do Estado são aproveitadas pelos especuladores [...]” e, muitas vezes, estes antecipam a expansão da cidade, vislumbrando determinados terrenos que receberão diversas redes de serviços urbanos para o atendimento das necessidades da população (SINGER, 1979, p. 34).

A renovação urbana empreendida pelo Estado expulsa os antigos moradores que não possuem mais o poder aquisitivo para permanecer na zona renovada, impedindo-os de aproveitar

⁴ “Não cabe ao Estado capitalista eliminar as contradições do sistema, mas amenizá-las, mistificá-las, impondo à vida da sociedade as necessidades da dinâmica da acumulação” (CARLOS, 2005, p. 85).

⁵ Compreende-se por segregação socioespacial “[...] a manifestação espacial das diferenças sociais” (MIÑO, 2013).

os novos serviços urbanos. Assim, a renovação urbana é manipulada perversamente pelo promotor imobiliário que, expressando uma maior influência na (re)produção capitalista do espaço urbano, atua diretamente na segregação socioespacial e, mais especificamente, na segregação residencial. Dessa forma, é arbitrária e errônea a responsabilização da segregação atribuída ao Estado, uma vez que ela é conduzida pelos interesses do mercado imobiliário (SINGER, 1979). “A atuação espacial dos promotores imobiliários se faz de modo desigual, criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade capitalista” (CORRÊA, 2005a, p. 22-23).

Como todo espaço urbano é propriedade privada, mesmo a pior localização tem um preço de compra ou de aluguel (SINGER, 1979). Como consequência, os grupos sociais excluídos são arrastados para as áreas periféricas das cidades quando estas ainda estão disponíveis e, muitas vezes, instalam-se em áreas de alta vulnerabilidade socioambiental. “A população mais pobre fica relegada às zonas pior servidas e que, por isso, são mais baratas” (SINGER, 1979, p. 27). Por outro lado, o comportamento dos grupos sociais excluídos projeta os símbolos da resistência, protestando contra o modo de (re)produção capitalista do espaço urbano; eles acabam (re)produzindo seus próprios espaços, como é o caso das favelas (CORRÊA, 2005a). Em última análise, a “[...] cidade capitalista não tem lugar para os pobres” (SINGER, 1979, p. 33).

A manifestação das contradições presentes no processo de (re)produção capitalista do espaço urbano pode ser apreendida pelas paisagens urbanas; estas são compreendidas como as formas perceptíveis de um determinado momento histórico que apresentam diferentes tempos da cidade e que são reconhecidas a partir dos elementos concretamente visíveis, por exemplo, os prédios, as casas e as ruas. Para além do aparente, um movimento próprio à paisagem urbana pode ser observado a partir dos modos de vida revelados na tipologia das construções arquitetônicas, nos usos do solo e na intensidade/movimento de fluxos (CARLOS, 2005). Com efeito, as paisagens urbanas refletem uma herança de muitos momentos já passados, representando as diversas condições políticas, econômicas e culturais da cidade (SANTOS, 2014).

Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência [...] a paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida (CARLOS, 2005, p. 36).

Pela leitura e análise da paisagem urbana, identifica-se também a inter-relação entre os fatores humanos e físicos que se materializa na (re)produção capitalista do espaço urbano,

expressando as relações contraditórias⁶ entre a sociedade e a natureza. Assim, a diferenciação dos elementos constituintes da paisagem urbana – o substrato espacial material e o movimento da vida cotidiana – é provocada pelos diversos modos de apropriação e uso do solo urbano, os quais retratam as desigualdades na cidade a partir dos tipos de construção, dos tipos de veículo, das vias de comunicação, da densidade de ocupação, dos usos do solo, etc. A paisagem urbana é, por assim dizer, “[...] humana, histórica e social” (CARLOS, 2005, p. 38).

3. Material e métodos

Esta pesquisa utilizou dois métodos: o da paisagem sistêmica, para a leitura da paisagem, e o histórico-dialético, para a análise da paisagem. O primeiro está fundamentado no roteiro metodológico proposto por Verdum (2012), que contempla três métodos de leitura da paisagem: a *descritiva*, a *sistêmica* e a *perceptiva*. Nesta pesquisa, optou-se pelo método da paisagem sistêmica para realizar a leitura das paisagens da área do Bandeirinhas, Betim (MG), implicando um “[...] estudo da combinação dos elementos físicos, biológicos e sociais, um conjunto geográfico indissociável, uma interface entre o natural e o social, sendo uma análise em várias dimensões” (VERDUM, 2012, p. 17).

O método da paisagem sistêmica viabiliza a leitura integral da paisagem, contrariando a cisão tradicional que estabelece sua divisibilidade pela suposta distinção entre paisagem natural e paisagem cultural. “Toda paisagem é natural e cultural [...]” (DA SILVA, 2022, p. 237). Para realizar a leitura da paisagem, foram considerados os elementos estruturantes e as relações estabelecidas entre eles. Como proposto por Verdum (2012), utilizam-se quatro critérios para a leitura da paisagem: a *forma* (aspecto visível da paisagem), a *função* (atividades que estiveram ou estão sendo desenvolvidas e que estão materializadas nas formas criadas socialmente), a *estrutura* (natureza social e econômica dos espaços construídos) e a *dinâmica* (ação contínua que se desenvolve gerando diferenças nas paisagens).

Além dos quatro critérios de leitura da paisagem, Verdum (2012) propôs em sua metodologia dois níveis de análise: a *observação e diferenciação* e a *escala temporal*. Nesta pesquisa, aplicou-se a observação e diferenciação – nível de análise que considera a subjetividade dos autores – para o reconhecimento da forma, da função e da estrutura, enquanto a escala temporal foi utilizada para a avaliação da dinâmica das paisagens da área do Bandeirinhas, Betim (MG), compreendendo-a como “[...] o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza” (VERDUM, 2012, p. 21).

⁶ As contradições podem aparecer no acesso a determinados serviços, à infraestrutura, aos meios de consumo coletivo (CARLOS, 2005).

O segundo método, histórico-dialético, sustenta a análise das particularidades de cada paisagem e a discussão sobre a (re)produção capitalista do espaço urbano, compreendendo o processo de desenvolvimento urbano como uma totalidade socio-histórica, profundamente contraditória, desigual e em movimento (ANDRADE; CANZI, 2015). Para tanto, realizou-se uma breve apresentação histórica e geográfica do município de Betim na seção *Do Processo de Industrialização à Área do Bandeirinhas* para fundamentar a análise dialética das paisagens na subseção *Análise das Paisagens*, que também explicita os entrelaçamentos dos agentes sociais na (re)produção capitalista do espaço urbano apontados na seção *A (re)produção capitalista do espaço urbano*.

Para a aplicação dos métodos – paisagem sistêmica e histórico-dialético – foram escolhidos três transectos⁷, cada um correspondendo a uma avenida na área do Bandeirinhas, Betim (MG): Av. Guandu, Av. Fausto Ribeiro da Silva e Av. Aeródromo de Inhotim⁸. A seleção dos transectos foi realizada durante um trabalho de campo em 15/04/2023, como parte da disciplina *Espaço Urbano: Agentes e Processos Socioespaciais* do programa de pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas. O material da pesquisa compôs-se por registros fotográficos e representações cartográficas que serviram de base para a descrição e a discussão analítica das paisagens.

4. Do processo de industrialização à área do Bandeirinhas

Atualmente, o cenário de Betim difere daquele do século XVIII, quando seu sítio⁹ servia como ponto de passagem dos tropeiros e bandeirantes em busca de ouro (DA SILVA, 2020). Ao longo dos anos, diversos ciclos econômicos se somaram até a chegada de grandes indústrias, como a Refinaria Gabriel Passos (REGAP) e a montadora de veículos italiana FIAT Automóveis, FMB e KRUPP. O processo de modernização da indústria mineira foi impulsionado pela instalação da REGAP e seguido pela chegada da FIAT Automóveis, FMB e KRUPP, nas margens da BR-381, resultando em uma expansão do polo industrial na direção oeste da capital de Minas Gerais (RODRIGUES, 2020).

A proximidade da capital mineira, Belo Horizonte, e a disponibilidade de terras adequadas para a montadora foram fatores determinantes para a instalação da FIAT em Betim. No entanto, o aspecto primordial para atrair uma indústria de porte como a FIAT foi a infraestrutura de

⁷ Os transectos selecionados potencializam a paisagem como categoria de análise para a compreensão da complexidade do espaço urbano e da dinâmica nele estabelecida.

⁸ Nome provisório para o transecto, uma vez que ainda não existe um nome oficial para a via que leva ao futuro aeródromo de Inhotim.

⁹ “[...] ‘assoalho’ (mormente de uma cidade), geralmente referindo-se à topografia e ao conjunto de condições naturais abióticas (relevo e hidrografia, sobretudo)” (SOUZA, 2013, p. 64).

acessibilidade próxima a um sistema rodoviário notável do país. Em outras palavras, “[...] Betim confirma a vocação de sua localização geográfica como fator de atratividade, dentro de um contexto econômico diverso” (RUGANI, 2001, p. 62). A concentração de atividades industriais e a criação de empregos atraíram pessoas em busca de oportunidades de trabalho, contribuindo para o processo de urbanização de Betim (SINGER, 1973 *apud* RODRIGUES, 2020).

Sabe-se que a industrialização interfere na organização do território gerando desdobramentos na atração de atividades e pessoas para um espaço reduzido. As empresas têm necessidade de se aglomerar para maximizar o uso da infraestrutura e minimizar os gastos com transporte e outros serviços de interesse comum (RODRIGUES, 2020, p. 63).

O quadro de industrialização de Betim revela um lado perverso: enquanto uma grande parte dos funcionários da REGAP e FIAT é constituída por mão de obra qualificada, a mão de obra não qualificada fica relegada ao subemprego em atividades marginais dos processos industriais. Simultaneamente, “[...] essa leva de população concorre para acelerar a ocupação desorganizada do espaço urbano, através das invasões de terrenos e do favelamento, notadamente nas proximidades dos eixos de transporte [...]” (RUGANI, 2001, p. 66).

Nesse contexto, o espaço urbano de Betim começou a ser intensiva e extensivamente parcelado, reflexo da ação especulativa do mercado imobiliário. A articulação dos agentes desse setor econômico ocorreu devido à posição¹⁰ geográfica de Betim, que faz limite com Contagem e é atravessada pela BR-381, ligando Belo Horizonte a São Paulo e possibilitando fluxos de escoamento da produção regional (RODRIGUES, 2020).

O centro é o lugar dinâmico para onde convergem as atividades, os fluxos de mercadorias, de dinheiro, de pessoas. Em Betim, a partir do processo de penetração do capital monopolista, ele se distingue e toma a forma de um eixo, interligando o antigo centro comercial da cidade com o Distrito Industrial, Contagem e Belo Horizonte (RODRIGUES, 2017, p. 38).

Compreendendo a industrialização de Betim como geradora de impactos socioespaciais, como os efeitos de atração de atividades e de pessoas em sua extensão territorial e proximidades, observa-se a concentração da população e do próprio capital em certas áreas específicas do município. Além da *economia de aglomeração* – infraestrutura, mão de obra, proximidade de outras indústrias complementares, mercado diversificado e economia dos gastos de produção – utilizada pelas indústrias, constata-se que a eficiência é outro elemento fundamental a ser considerado na

¹⁰ “[...] a localização dos espaços (e dos objetos geográficos no espaço)” (SOUZA, 2013, p. 67).

produção. Para alcançar essa eficiência, as vias de circulação desempenham um papel decisivo, como é o caso da BR-381 e BR-262 em Betim (CARLOS, 1988).

Forma-se, assim, um corredor dinâmico que é o lugar do comércio, do setor financeiro e da indústria. A partir dele e em função dele, instala-se e hierarquiza-se o entorno urbano: o lugar para o bairro mais sofisticado, o lugar do bairro operário, o lugar das populações marginalizadas em relação ao mercado de trabalho industrial, o lugar de comércio, o lugar do lazer etc. (RODRIGUES, 2017, p. 38).

A partir do contexto industrial, muitos bairros se constituíram em Betim, como é o caso dos bairros que compõem a área do Bandeirinhas. Localizada na porção sul-sudeste de Betim (Figura 1), esta área, composta por onze bairros, faz parte da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e é indiretamente influenciada pelos processos de metropolização, periferação e segregação socioespacial presentes no recorte metropolitano. A área é marcada por habitações precárias, carência de espaços de entretenimento e lazer, e dependência das áreas centrais de Betim e Belo Horizonte, revelando seu processo de ocupação desordenado ao longo das últimas décadas (DINIZ *et al.*, 2023). Pode-se inferir, portanto, que Bandeirinhas desempenha um papel de núcleo descentralizado em Betim, ao mesmo tempo em que é marcada por uma centralidade própria.

A combinação entre os seus atributos físicos, posição geográfica e processo histórico de ocupação legaram à região um complexo mosaico de usos e ocupações do solo. Em Bandeirinhas estão presentes condomínios residenciais e ocupações irregulares, uma centralidade urbana linear, onde se encontram os principais equipamentos urbanos que servem à região, grandes plantas industriais, áreas de extração mineral, cultivo de hortaliças e outros tipos de alimento, pastagens, remanescentes de vegetação arbórea e rasteira, além de áreas com solo exposto. Essa complexa e multifacetada periferia urbana vem sofrendo importantes alterações nos usos de solo ao longo dos últimos anos [...] (DINIZ *et al.*, 2023, p. 405).

Concretiza-se em Bandeirinhas um espaço que é tanto produto quanto produtor das relações sociais conduzidas pela lógica da acumulação de capital. Com a intervenção do capital nessa realidade, o espaço é convertido em um produto dissimulado pela ação do Estado e, como resultado, a vida social do indivíduo e suas práticas sociais são atrofiadas e comprimidas dentro de um espaço que já não lhe pertence. Em outras palavras, o espaço e a vida social são reificados mercadologicamente (RODRIGUES, 2017).

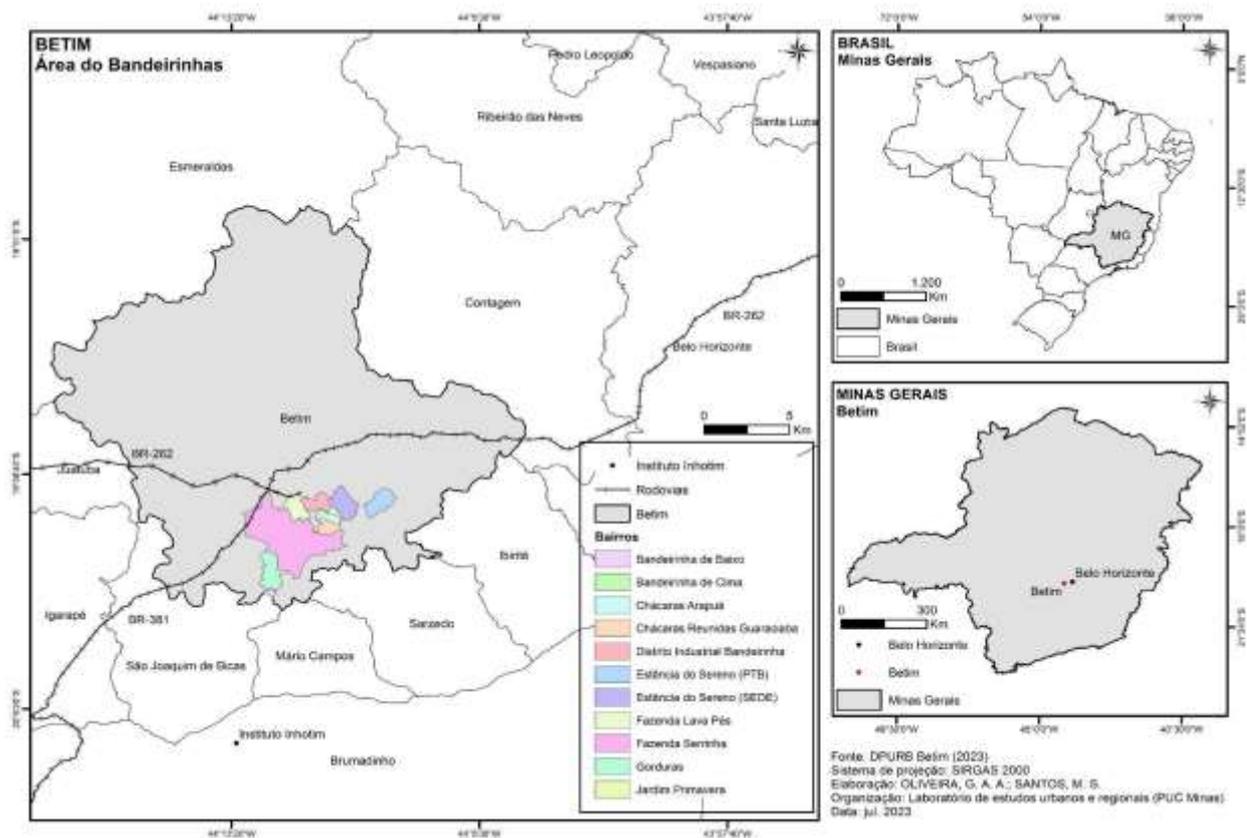


Figura 1. Localização da área do Bandeirinhas, Betim (MG). **Fonte:** elaborado pelos autores (2023).

5. Resultados e discussão

A leitura da paisagem dos três transectos (Figura 2), correspondentes à Av. Guandu, Av. Fausto Ribeiro da Silva e Av. Aeródromo de Inhotim, na área do Bandeirinhas, está fundamentada no método da paisagem sistêmica de Verdum (2012), sintetizado ao final da seção (Quadro 2). Como exposto anteriormente, neste método adotam-se parâmetros de diferenciação da paisagem a partir de quatro níveis que estruturam a discussão desta seção: *Forma, Função, Estrutura e Dinâmica*. Quanto à análise das paisagens, a discussão está fundamentada no método histórico-dialético, que permite a apreensão da heterogeneidade e das desigualdades que caracterizam a (re)produção capitalista do espaço urbano, apresentadas na última subseção *Análise das Paisagens* (ANDRADE; CANZI, 2015).

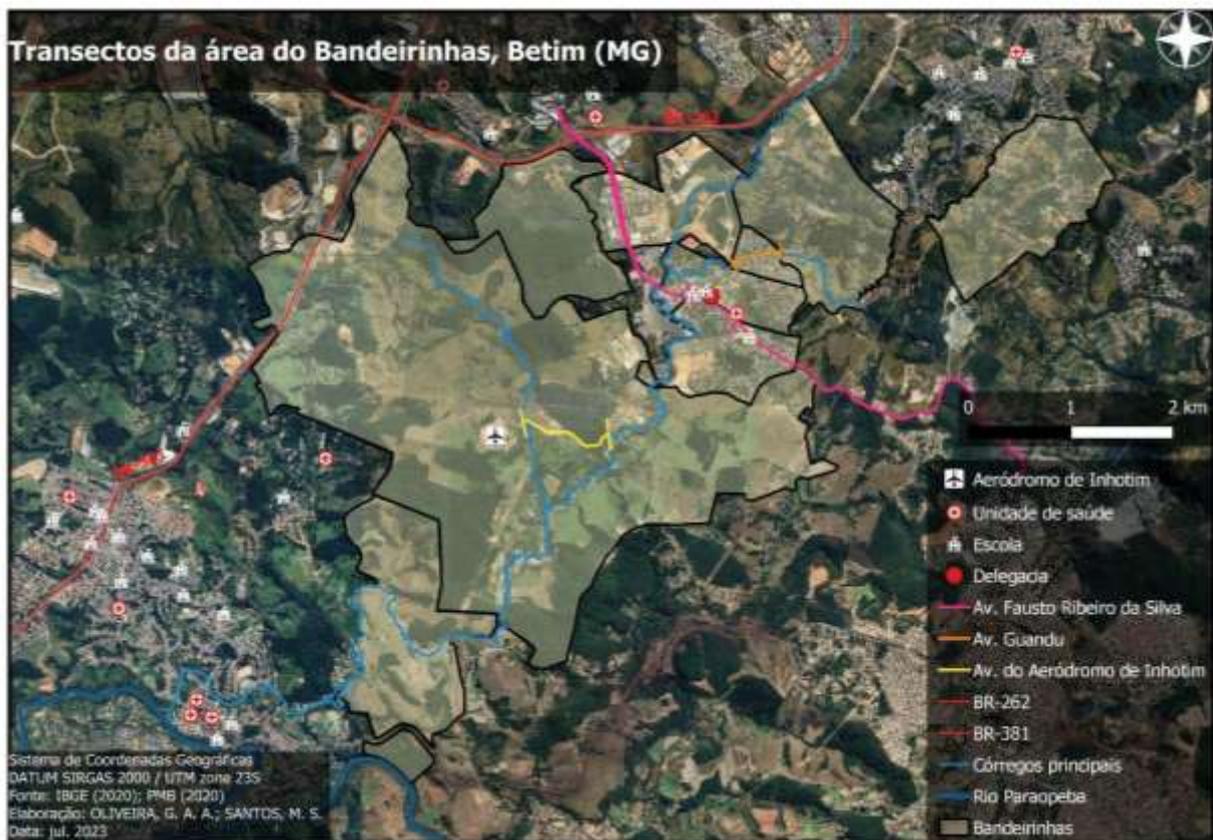


Figura 2. Localização dos transectos das avenidas da área do Bandeirinhas, Betim (MG). **Fonte:** elaborado pelos autores (2023).

Forma

O transecto da Av. Guandu (Figura 3), que inclui a avenida e seu entorno próximo, possui drenagem pelo Córrego do Quebra e apresenta vegetação arbórea espaçada, podendo ser nativa ou não, dos biomas de Mata Atlântica e Cerrado. Em relação ao relevo, caracteriza-se por colinas onduladas e suaves. Quanto às edificações, nota-se o predomínio do padrão de construções horizontais.

O transecto da Av. Fausto Ribeiro da Silva (Figura 4), que também inclui parte da avenida e seu entorno próximo, possui drenagem pelo Córrego Santo Antônio, apresentando muitas áreas impermeabilizadas e, conseqüentemente, um déficit de vegetação. Em relação ao relevo, caracteriza-se por colinas onduladas e suaves. Quanto às edificações, nota-se o predomínio do padrão de construções verticais, especificamente com dois pavimentos.

O transecto da Av. Aeródromo de Inhotim (Figura 5), que inclui o terreno de construção do aeródromo e seu entorno próximo, possui drenagem pelo Córrego Bandeirinhas e apresenta vegetação mais densa, atribuída aos biomas de Mata Atlântica e Cerrado. Em relação ao relevo, caracteriza-se também por colinas onduladas e suaves. Quanto às edificações, o entorno próximo

da área destinada ao aeródromo, ainda em fase de construção, não conta com nenhuma edificação concluída.

Função

O transecto da Av. Guandu (Figura 3) apresenta predominantemente edificações de uso residencial e, em menor número, estabelecimentos de uso comercial e de serviços. Entretanto, nota-se a ausência de edificações que poderiam servir ao coletivo, como aquelas destinadas a funções educacionais, culturais, de segurança pública e de lazer. Reforçando a ideia de que a função pode ser apreendida também pelas atividades que foram ou estão sendo desenvolvidas (VERDUM, 2012), observa-se a prática de extração de areia, uma atividade não regulamentada que deixa sua marca na paisagem.

No transecto da Av. Fausto Ribeiro da Silva (Figura 4), as edificações, à primeira vista, parecem ser exclusivamente de uso comercial e de serviços. Porém, uma observação mais minuciosa revela que algumas dessas edificações possuem uso residencial, com o primeiro pavimento predominantemente destinado ao comércio e aos serviços, enquanto o segundo pavimento é destinado à residência. O comércio abrange uma variedade de produtos, incluindo alimentos, itens de saúde, produtos domésticos e equipamentos para veículos automotores. Os serviços oferecidos estão relacionados às atividades de embelezamento e à assistência aos veículos. Em direção à BR-262, na proximidade da avenida, identificam-se edificações destinadas ao uso industrial, como as indústrias de mangueiras, produção de tijolos e componentes plásticos. Ao contrário da Av. Guandu, a Av. Fausto Ribeiro da Silva conta com edificações que servem ao coletivo, como escolas, uma base de policiamento e uma Unidade Básica de Saúde (UBS). Entretanto, também não foram identificadas edificações voltadas para o lazer.

Quanto ao transecto da Av. Aeródromo de Inhotim (Figura 5), não são observadas edificações, não havendo, portanto, informações específicas sobre o uso das formas criadas. No entanto, uma vez que as formas também englobam as atividades que foram ou estão sendo realizadas, convém citar aquelas de terraplanagem para o nivelamento do sítio onde se pretende instalar o aeródromo, a abertura de estradas e o pequeno fluxo de pessoas e maquinários, que constituem a mão de obra do empreendimento.

Estrutura

No transecto da Av. Guandu (Figura 3), evidencia-se o padrão de construção residencial em condições precárias, com paredes instáveis e desprovidas de revestimento. Além disso, há deficiências na infraestrutura, como a ausência de pavimentação, canalização e transporte em

determinados trechos. Em contrapartida, no transecto da Av. Fausto Ribeiro da Silva (Figura 4), as construções apresentam um padrão mais equipado, caracterizado por residências cercadas por muros e paredes revestidas e pintadas. Além disso, a infraestrutura conta com pavimentação, canalização e escoamento pluvial em toda a extensão da avenida, possibilitando fluxos diários. No transecto da Av. Aeródromo de Inhotim (Figura 5), observa-se a ausência de pavimentação, canalização e outros elementos típicos de áreas mais urbanizadas, uma vez que a área tem sido alterada recentemente.



Figura 3. Avenida Guandu. **Fonte:** registrada pelos autores (2023).



Figura 4. Avenida Fausto Ribeiro da Silva. **Fonte:** registrada pelos autores (2023).



Figura 5. Avenida Aeródromo de Inhotim. **Fonte:** registrada pelos autores (2023).

Dinâmica

No transecto da Av. Guandu (Figura 6), a dinâmica reflete atividades construtivas com pedreiros em atuação, loteamentos e recursos destinados à construção civil, indicando mudanças atuais na paisagem. Acredita-se que a tendência de mudanças esteja relacionada a uma contínua exploração do uso residencial, sugerindo que, conforme revelado pelas imagens de satélite desde 2005, poderá haver um maior crescimento de edificações residenciais. Adicionalmente, espera-se que, como estímulo-resposta, as atividades comerciais e de serviços acompanhem esse crescimento residencial.

No transecto da Av. Fausto Ribeiro da Silva (Figura 7), a dinâmica atual engloba os usos residencial e industrial, atividades comerciais e de serviços, além de um grande fluxo de pessoas e veículos. Como possíveis mudanças referentes às edificações, observa-se um aumento no número de construções do passado para o presente. No entanto, do presente para o futuro, acredita-se que, em caso de aumento das construções, poderá ocorrer a intensificação do processo de verticalização. Por outro lado, em caso de estagnação, é possível que ocorram mudanças relacionadas aos novos usos das edificações.

No transecto da Av. Aeródromo de Inhotim (Figura 8), prevê-se que grandes transformações sejam reveladas na paisagem em um futuro próximo. Considerando o porte do empreendimento, espera-se a supressão de boa parte da vegetação existente, a transformação do entorno em relação ao fluxo de pessoas e veículos e, conseqüentemente, a renovação de uma paisagem dotada de forma, função, estrutura e dinâmica bem distintas das percebidas atualmente.



Figura 6. Imagens de satélite da área do transecto da av. Guandu em 2005 e 2023. **Fonte:** coletadas no Google Earth e Google Maps (2023).



Figura 7. Imagens de satélite da área do transecto da av. Fausto Ribeiro da Silva em 2005 e 2023. **Fonte:** coletadas no Google Earth e Google Maps (2023).



Figura 8. Imagens de satélite da área do transecto da av. Aeródromo de Inhotim em 2005 e 2023. **Fonte:** coletadas no Google Earth e Google Maps (2023).

O Quadro 2, apresentado a seguir, sintetiza os resultados da leitura das paisagens dos transectos da Av. Guandu, Av. Fausto Ribeiro da Silva e Av. Aeródromo de Inhotim, proporcionando uma visão integral das características e dos elementos identificados nelas.

Quadro 2. Síntese da leitura das paisagens dos transectos das avenidas da área do Bandeirinhas, Betim (MG)

BANDEIRINHAS BETIM (MG)	AV. GUANDU	AV. FAUSTO RIBEIRO DA SILVA	AV. AERÓDROMO DE INHOTIM
FORMA	Colinas onduladas e suaves Córrego do Quebra Vegetação arbórea espaçada Edificações horizontalizadas	Colinas onduladas e suaves Córrego Santo Antônio Déficit de vegetação Edificações verticalizadas	Colinas onduladas e suaves Córrego Bandeirinhas Vegetação arbórea encorpada Ausência de edificações
FUNÇÃO	Residencial, comercial e de serviços Extração de areia	Residencial, industrial, comercial e de serviços Oferta de serviços educacionais, de	Atividades de terraplanagem e abertura de estradas Fluxo de pessoas e de maquinários

		segurança e de saúde.	
ESTRUTURA	Construções em condição precária Infraestrutura urbana precária	Infraestrutura urbana e construções bem equipadas	Ausência de pavimentação, canalização e outros aspectos de áreas mais urbanizadas
DINÂMICA	Exploração contínua Uso residencial Crescimento de atividades comerciais e de serviços	Intensificação do processo de verticalização Novos usos das edificações	Supressão de vegetação Paisagem renovada

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Análise das paisagens

A (re)produção capitalista do espaço urbano é marcada por múltiplos interesses conflitantes, aos quais os agentes sociais atribuem significados específicos. Esses interesses conflitantes são evidenciados na paisagem urbana através da diferenciação do uso do solo¹¹, disputado pelo capital e pela sociedade; enquanto o capital busca sua reprodução por meio do processo de valorização, a sociedade almeja melhores condições para a reprodução plena da vida (CARLOS, 2015). É importante, então, analisar as paisagens dos três transectos, cada um correspondente a uma avenida da área do Bandeirinhas, em Betim (MG), com base no método histórico-dialético. Esse método identifica uma série de elementos que caracterizam a (re)produção capitalista do espaço urbano e revela a disputa pelo solo urbano entre os agentes sociais¹² e suas repercussões na sociedade (ANDRADE; CANZI, 2015).

Na Av. Guandu, observa-se que a área apresenta uma infraestrutura urbana precária e um padrão construtivo popular, associado ao processo de autoconstrução. O local é marcado por problemas como o assoreamento e a poluição do Córrego do Quebra. Durante os períodos chuvosos, o córrego fica suscetível a inundações, colocando em risco a população residente, especialmente aquelas que vivem nas margens da planície de inundação. Essa condição evidencia a vulnerabilidade socioambiental da área degradada e a invisibilidade de uma parte da população na política urbana, criando obstáculos ao direito à cidade, isto é, ao direito à vida, à habitação, à

¹¹ Compreende-se por uso do solo o modo de ocupação de determinada área do espaço urbano (CARLOS, 2005).

¹² Embora os agentes sociais atuem em todas as paisagens, nesta discussão optou-se por destacar aqueles que se mostram mais evidentes em cada uma delas, considerando que todos, em alguma medida, serão mencionados na análise.

dignidade, para que “[...] cada habitante possa, de fato, habitar e participar plenamente do espaço onde vive” (JACOBI, 1986, p. 23).

Assim, a paisagem da Av. Guandu (Figura 6) revela o processo de segregação residencial. De um lado, encontram-se residências mais precárias, localizadas em áreas mais baixas, o que as torna mais vulneráveis às inundações. Do outro lado, estão concentradas residências mais sofisticadas, situadas em áreas mais elevadas e, portanto, menos suscetíveis aos impactos das enchentes durante os períodos chuvosos. Essa diferenciação espacial das residências reflete “[...] as contradições, os contrastes e as desigualdades sociais [...]” que emergem na (re)produção capitalista do espaço urbano (MIÑO, 2013, p. 166).

O sítio da Av. Guandu está caracterizado predominantemente pelo uso residencial, espelhando a presença de dois agentes sociais na paisagem (Figura 6): os proprietários fundiários e os grupos sociais excluídos. Além da aparência estática da paisagem, destaca-se a omissão do Estado na renovação daquela área e a ação dos promotores imobiliários que conduziram sua ocupação, por ora, pela população com menor poder aquisitivo. Dessa forma, a segregação socioespacial estabelece uma dinâmica na qual “[...] uma determinada área social é habitada durante um período de tempo por um grupo social e, a partir de um dado momento, por outro grupo de status inferior ou, em alguns casos, superior, através do processo de renovação urbana” (CORRÊA, 2005a, p. 70).

Por outro lado, a Av. Fausto Ribeiro da Silva comporta uma área mais privilegiada do que a Av. Guandu, uma vez que nela estão instalados equipamentos públicos, comércios e serviços, correspondendo às amenidades socialmente produzidas. Além disso, devido à sua ampla acessibilidade, é perceptível um ritmo acelerado de circulação de fluxos, tanto de pessoas quanto de veículos, ao longo do dia. Ao realizar uma análise comparativa das paisagens da Av. Fausto Ribeiro da Silva e da Av. Guandu, é possível apreender, para além do aspecto visível, as contradições sociais presentes na área do Bandeirinhas, onde os contrastes e as desigualdades de renda se manifestam (CARLOS, 2005).

Pela paisagem da Av. Fausto Ribeiro da Silva (Figura 7), observa-se que o modo de ocupação do solo está caracterizado predominantemente pelos usos industrial e comercial. Embora haja uso residencial, predomina o uso semi-intensivo do solo, atribuído pelas atividades desenvolvidas – comércio atacadista, armazenagem e indústrias leves – que estão associadas às atividades externas da área do Bandeirinhas. Outro aspecto notável na paisagem é o volume das construções, isto é, sua verticalização; mesmo não sendo edifícios propriamente ditos, a presença de construções com dois pavimentos é mais comum do que na Av. Guandu. “As diferenças sociais entre estas áreas uniformes devem-se essencialmente ao diferencial da capacidade que cada grupo social tem em pagar pela residência que ocupa” (CORRÊA, 2005b, p. 131-132).

A posição da Av. Fausto Ribeiro da Silva é estratégica na rede de circulação de Betim, estimulando o processo de reprodução do capital. Nesse contexto, os agentes sociais do espaço urbano mais perceptíveis são os proprietários dos meios de produção e o Estado. A ação do Estado capitalista não ocorre ao acaso nem é socialmente neutra no espaço urbano; pelo contrário, está alinhada aos interesses dos diferentes agentes. Neste caso, observa-se a cooperação com os setores de atividades – indústria e comércio – instalados na Av. Fausto Ribeiro da Silva. Em outras palavras, a atuação do Estado cria “[...] condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, isto é, condições que viabilizem o processo de acumulação e a reprodução das classes sociais e suas frações” (CORRÊA, 2005a, p. 26).

A aparência estática da paisagem da Av. Aeródromo de Inhotim (Figura 8) revela uma fase do que aquela área se tornará, sendo esta a mais desafiadora a ser analisada, aquela que mais precisa ser pensada para além das aparências que “[...] esconde e revela todo o dinamismo do processo de existência da paisagem [...]” (CARLOS, 2005, p. 38). O elemento que, por ora, está em destaque no local é a área verde do Bandeirinhas, caracterizada pela vegetação dos biomas de Cerrado e Mata Atlântica. Entretanto, o imponente empreendimento em construção – o aeródromo – é o responsável pela supressão daquela vegetação, realçando as vias e os terrenos vermelhos – ainda sem concreto. A partir dessa paisagem, compreende-se o espaço urbano como “[...] produto do confronto entre o que é bom para o capital e o que a sociedade, como um todo, espera” (CARLOS, 1988, p. 61).

A posição da Av. Aeródromo de Inhotim também é estratégica, considerando a quantidade de indústrias no município de Betim e, mais especificamente, na área do Bandeirinhas, que poderão se beneficiar do futuro aeródromo. Além disso, é previsível um crescimento do setor de turismo direcionado ao Instituto Inhotim, localizado no município de Brumadinho (Figura 1), que já atrai um grande número de visitantes anualmente. O efeito esperado será a ampliação das redes de hotelaria para a hospedagem desses turistas. “Há então um processo de valorização fundiária” (CORRÊA, 2005a, p. 17). Em outras palavras, o solo do espaço urbano da área do Bandeirinhas é e continuará sendo altamente disputado pelos agentes sociais, destacando-se os proprietários fundiários e os promotores imobiliários que buscarão capitalizar a terra ao máximo, podendo estimular, ou não, o processo de gentrificação.

6. Considerações finais

Esta discussão sobre a área do Bandeirinhas revelou a disputa do solo urbano pelos agentes sociais, cuja atuação no processo de (re)produção capitalista do espaço urbano resulta na heterogeneidade dos modos de vida, das formas de morar e dos usos dos terrenos; tais contrastes foram identificados a partir de uma série de elementos percebidos e apreendidos na leitura e na

análise da paisagem, categoria de análise que viabilizou a compreensão do contexto histórico-geográfico e das relações socioespaciais estabelecidas no espaço urbano da área do Bandeirinhas. Assim, por meio do método da paisagem sistêmica e do método histórico-dialético, pode-se afirmar que o objetivo desta pesquisa foi alcançado.

As paisagens dos três transectos selecionados na pesquisa demonstraram que a desigualdade espacial não deve ser vista apenas como reflexo da desigualdade social, pois ambas se reproduzem indissociavelmente nas relações sociais. Além disso, a leitura e a análise das paisagens reforçaram sua capacidade de revelação e ocultação, por meio das quais foram observadas as aparências e as manifestações dos fenômenos característicos da (re)produção capitalista do espaço urbano, destacando-se a segregação socioespacial. Esse cenário ratificou o controle dos agentes sociais – proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários e promotores imobiliários – sobre o espaço urbano da área do Bandeirinhas, em Betim (MG), os quais, acompanhados pelos interesses do Estado, viabilizam o processo de acumulação de capital. Os grupos sociais excluídos, por sua vez, formulam estratégias de sobrevivência e resistência contra a segregação residencial, sendo observada a prática da autoconstrução habitacional.

A ação de revelar o que contraditoriamente se opõe ao progresso – a urbanização, que em sua essência é violenta – foi incorporada nesta discussão que buscou desmistificar a crença de que a (re)produção capitalista do espaço urbano é um caminho em direção a uma felicidade que, na realidade, oculta sua perversidade: desigualdades sociais, destruição ambiental e alienação humana. Diante da atuação dos agentes sociais observada no espaço urbano da área do Bandeirinhas, recomenda-se que o monitoramento acadêmico seja continuado em outros estudos, uma vez que aquela área carrega uma expectativa futura, tanto para o capital quanto para a sociedade, com a instalação do aeródromo de Inhotim. Em pouco tempo, uma nova trama de relações se estabelecerá no município de Betim, estimulando novos questionamentos em múltiplas escalas sobre a (re)produção capitalista do espaço urbano e suas repercussões na sociedade.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do curso de Mestrado e de Doutorado no programa de pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Referências

- ANDRADE, I.; CANZI, I. Direito à cidade: entre a produção e a apropriação social do espaço. **Revista Internacional Consinter de Direito**, Paraná, v. 1, n. 1, p. 109-129, 2015. Disponível em: <https://bitlybr.com/jSIS>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço e indústria**. 5. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. 67 p.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 98 p.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo: FFLCH/USP, 2017a. 317 p.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2017b. 368 p.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005a. 96 p.
- CORRÊA, R. L. **Trajelórias geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b. 302 p.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, 2007. p. 15-48. 352 p.
- DA SILVA, J. C. A origem do (antropo)topônimo Betim. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 484-507, 2020. Disponível em: <https://curtlink.com/c5LFZFR>. Acesso em: 28 maio 2023.
- DA SILVA, L. L. S. A indivisibilidade da paisagem. **Revista Geoaraguai**, Barra dos Garças, v. 12, n. 2, p. 224-234, 2022. Disponível em: <https://curtlink.com/fE00iF8>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- DINIZ, A. M. A.; MENDES, D. F.; FERNANDES, D. M.; SOUZA, J. B.; LOPES, E. V. P.; ALVIM, A. M. M. Novas periferias metropolitanas: o caso de Bandeirinhas na RMBH-MG. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 33, n. 73, p. 392-411, 2023. Disponível em: <https://curtlink.com/ojo38uk>. Acesso em: 28 maio 2023.
- JACOBI, P. A cidade e os cidadãos. **Lua nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 22-26, 1986. Disponível em: <https://curtlink.com/9ChewZp>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- MIÑO, O. A. S. A segregação socioespacial urbana. **Formação (online)**, Presidente Prudente, v. 1, n. 3, p. 163-170, 2013. Disponível em: <https://curtlink.com/D6UqWvC>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007. 152 p.
- OLIVEIRA, O. F.; CARVALHO NETO, M. R.; PIMENTEL NETO, J. G.; SAOUZA, A. M. A produção capitalista do espaço urbano e o direito à cidade em Natal/RN. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 7, n. 2, p. 108-125, 2018. Disponível em: <https://curtlink.com/RE24VgD>. Acesso em: 20 maio 2023.
- RODRIGUES, L. L. **A grande indústria e seu impacto sobre a estrutura urbana e a governança local: o caso de Betim/MG**. 2020. 317f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- RODRIGUES, M. L. E. O processo de produção do espaço: um exercício teórico-metodológico. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 60, p. 21-46, 2017. Disponível em: <https://curtlink.com/NwXjq4W>. Acesso em: 28 maio 2023.
- RUGANI, J. M. **Betim, no caminho que vai das minas à industrialização: a lógica da organização do espaço dos centros industriais metropolitanos**. 2001. 210f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 132 p.

SINGER, P. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, E. (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 21-36. 166 p.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

URIARTE, U. M. Produção do espaço urbano pelos homens ordinários: antropologia de dois micro-espços na cidade de Salvador. **Revista Iluminuras**, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p. 115-134, 2014. Disponível em: <https://curtlink.com/guOoMFs>. Acesso em: 20 maio 2023.

VERDUM, R. Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, R. et al. **Paisagem: leituras, significados e transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 15-22. 258 p.